

VALE CONHECER

Colaborador de “INFORMAÇÃO”, desde o primeiro momento, ocupando suas páginas com um pensamento claro e de firme posição doutrinária, o professor José Benevides Cavalcante teve seu primeiro livro publicado em junho de 2001.

Nesses tempos em que tantas obras banais ou de valor discutível são publicadas na ânsia de editores mais preocupados com resultados financeiros que com os estragos que podem fazer nas mentes pouco esclarecidas no tema Espiritismo, é alentador conhecer-se livro de conteúdo tão substancial quanto FUNDAMENTOS DA DOCTRINA ESPÍRITA, trabalho que veicula noções básicas de Espiritismo dentro da Coleção EME.

Nela, inclue-se a integra de um opúsculo bastante conhecido e distribuido gratuitamente intitulado INICIAÇÃO AO CONHECIMENTO DA DOCTRINA ESPÍRITA, o qual foi vertido para o inglês, japonês, árabe, holandês, castelhano, entre outros idiomas, por iniciativa de grupos que a ele tiveram acesso. Benevides é seu autor.

Uma amostra você poderá ler no espaço SERVIÇO desta edição: o artigo QUEM FOI JESUS.

Que este livro seja o primeiro de uma série que nasça desta mente tão devotada à causa da iluminação espiritual.

SÉRIE ENCONTRO COM CHICO E DIVALDO

II - MÉDIUM

Centro e motivo de muitas atividades no Centro Espírita quando não o desencadeador de sua formação, o médium ainda é objeto de estudo e, por vezes, polêmica.

Assim, aliás, deve ser, pois, da discussão nasce a luz.

A experiência de quem viveu e pesquisou em si mesmo essa percepção deve ser analisada.

Neste número, portanto, Chico e Divaldo, nos trazem sua visão sobre ângulos diferentes do tema.

Diga-nos o que deve fazer, dentro de suas capacidades, um médium, a fim de poder ser completo e útil para o Plano Espiritual?

Chico Xavier - Devotamento ao bem do próximo, sem a preocupação de vantagens pessoais, eis o primeiro requisito para que o mediano se torne sempre mais útil ao Plano Espiritual. Em seguida, quanto mais o médium se aprimore, através do estudo e do dever nobremente cumprido, mais valioso se torna para a execução de tarefas com os Instrutores da Vida Maior.

Quanto ao chamado médium portador de mediunidade a florada, deve-se encaminhá-lo à tarefa mediúnica, mesmo constatando-se sua carência de conhecimentos doutrinários? Por outro lado, existem pessoas que gostam da tarefa de orientação aos Espíritos mas não têm habilidade nem para o trato no diálogo com o Espírito e nem são porta-dores de alguma mediunidade. Como proceder?

Divaldo — Não deve ser encaminhado de imediato à reunião mediúnica. Primeiro, convém ser tratado no seu emocional desajustado. Um paciente, em fase obsessiva, que vai a uma experiência mediúnica, desequipado de conhecimento será um grave transtorno para o próprio equilíbrio. Seria o mesmo que levar uma pessoa desajustada a um centro cirúrgico. Não é pelo fato do paciente estar presente que ele será socorrido. Poderemos recomen-

dar para que fique em casa com a família orando durante a hora da reunião mediúnica ou que permaneça em alguma dependência da Instituição, recebendo orientação evangélica, passes, mas não necessariamente naquele recinto especializado.

Uma das razões, é porque podem ocorrer vários fenômenos, digamos: alguém está num processo de depressão, mas ainda meio lúcido, com síndrome de compulsão suicida, ou com uma obsessão compulsiva, e vai à reunião mediúnica, porque lhe afirmam que é obsessão, e suponhamos que sim. Incorpora em algum médium o seu adversário espiritual e ameaça-o de morte. O paciente não terá como resistir, ficará pior. Se realmente acreditar, sairá dali mais deprimido, pior, com uma carga de informação que lhe vai servir de ponte para fixar o pensamento do obsessivo, que, por sua vez, poderá impor-se mais. Se não acreditar, aquilo lhe parecerá uma pantomima ou uma coisa ridícula, porque, como não sabe distinguir se é fingimento do médium ou um fenômeno mediúnico — e no estado depressivo o indivíduo fica um tanto céptico, amargurado, devido às enzimas neuronais que o deprimem — terá mais dificuldade de assimilá-lo como legítimo. Não há porque, então, levá-lo à experiência, mas sim, recomendar-lhe a terapia psicológica. Hoje, a função das doutrinas psíquicas é preventiva e também curadora. Seria ideal se tivéssemos o nosso psicólogo particular. Quantos conflitos mal digeridos carregamos?! Quantos dramas em nossa consciên-

cia e não temos um amigo com quem conversar?! O psicólogo é um amigo hábil para esse fim. Antes tínhamos o confessor, que era um tipo de psicoterapia — éramos punidos e como somos um tanto masoquistas, isso ajudava um pouco. Hoje, a terapia é libertadora, a psicologia substituiu a palavra culpa, por responsabilidade. Já não somos culpados, porque quem tem culpa deve ser punido, enquanto que sem ela, somos responsáveis. Quem é responsável e errou, corrige-se; se acertou, prossegue.

Devemos, portanto, encaminhar os transtornos mentais por fenômenos da loucura acadêmica ou obsessivos ao terapeuta, que é um grande auxiliar da nossa saúde mental e também às atividades da psicoterapia espírita. À medida que o paciente se vai tranquilizando, nós o iremos informando sobre o Espiritismo, para que ele o conheça. Aqueles que somente desejam curar o doente rapidamente, não pensam no ser imortal, mas sim no temporal.

Qual a receita que você apontaria contra o animismo?

Chico Xavier - Aprendi com o nosso abnegado Emmanuel que o médium é também um Espírito necessitado de socorro e de orientação. Desse modo, se o chamado animismo aparece em determinado grupo, devemos atender ao companheiro ou à companheira, envolvidos no assunto, com o mesmo carinho e atenção que dispensamos comumente ao Espírito desencarnado, quando no intercâmbio conosco.

Geralmente, nos trabalhos práticos mediúnicos, o médium adota uma atitude passiva, como se só pudesse entrar em estado de transe se um Espírito vier acioná-lo. O desenvolvimento do poder anímico, tornando o médium agente no

trabalho e não paciente, melhoraria a qualidade da comunicação?

Divaldo - Sem dúvida. Quando adquirimos a técnica da concentração, e liberamos os nossos conteúdos conscientes, tornando a nossa mente, como diz a tradição, o espelho no qual refletimos a imagem do Mundo Espiritual, e a comunicação torna-se muito mais fácil; quando nos deixamos levar, às vezes, sem nenhuma preparação, pela influência dos Espíritos para entrarmos em transe, o fenômeno, além de mais difícil, torna-se mais desgastante. Por esta, como por outras razões, a educação da mediunidade é relevante. Costuma-se chamar desenvolvimento mediúnico, o que não me parece adequado, porque ninguém desenvolve a faculdade dando-lhe elasticidade; mas educar-lhe o potencial, dar-lhe mais qualidade, melhorar-lhe o conteúdo, isto sim. A educação do sensitivo é fundamental para o bom rendimento do fenômeno mediúnico. Quantas vezes vamos ao trabalho mediúnico com a mente atormentada, e quando alguém propõe: vamos orar, começamos a repetir palavras memorizadas, e com muita pressa para acabar logo, porque a função da prece, para muita gente, não é entrar em contato com Deus, mas uma forma de pagar-lhe o imposto de renda espiritual e ficar livre. Faz-se a prece com rapidez e diz-se: que assim seja, pelos demais repetido, sem nenhuma consideração pelo conteúdo da oração. Ao invés, deveria ser um estado de emoção, rico de vibrações saturadas de amor e de paz. Orar, vem do verbo latino *os oris*, que significa boca. Orar é abrir a boca da alma, para esvaziar-se do ego e plenificar-se de Deus. As palavras utilizadas são apenas uma proposta para nos motivar ao ato de orar. Allan Kardec, no último capítulo de **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, oferece-nos algumas sugestões que são modelos, mas não para serem memorizadas,

COMUNICAÇÃO

como temos ouvido, porque dessa forma perdem o conteúdo emocional.

Qual a diferença entre o médium e o chamado “cavalo” da Umbanda?

Chico Xavier — O médium na função de intermediário entre os homens encarnados e desencarnados pode estar em qualquer organização humana, conquanto, por vezes, receba denominações diferentes. Observa dos na posição de condutores de personalidades, recursos, idéias e auxílios diversos, imaginemos que os médiuns de variados tipos sejam comparados a automóveis e cavalos. Todos terão a sua importância particular. Um automóvel pode cobrir distâncias e oferecer apoio a grupos de pessoas de que um cavalo jamais seria capaz, no entanto, em compensação, um cavalo pode se encarregar de tarefas e alcançar de terminadas regiões com a precisão e a segurança que um automóvel não pode atingir.

No desenvolvimento da faculdade, em médiuns principiantes, há alguma utilidade em se lhes aplicar passes para faci-

litar a psicofonia, por exemplo?

Divaldo - Este exercício é, às vezes, positivo, porque o médium estando com os centros psíquicos ainda não disciplinados, durante a hora da concentração, entra em conflito, por não saber distinguir as sensações e emoções suas, daquelas que ele registra e que pertencem ao Espírito desencarnado. Experimenta taquicardia, há o resfriamento corporal, colapso periférico, a ansiedade que são típicos da presença dos Espíritos que padecem, mas que, muitas vezes, são da própria expectativa. No caso da aplicação do passe objetivando ajudar, aumenta no médium a carga vibratória e isto facilita-lhe o fenômeno. Mas, por outro lado, não deve ser habitual, para não lhe criar condicionamentos. Por isto, deve-se aplicar passes, só esporadicamente.

FONTES

Xavier, F. C. e Emmanuel (Espírito), NOVO MUNDO, ed. IDEAL, questão 1
Franco, Divaldo Pereira; MEDIUNIDADE, ed. BOA NOVA, questões 2 e 4
Xavier, F. C. e Hercio M. C. Arantes, ENCONTROS NO TEMPO, ed. IDE; questão 3
Xavier, F. C. e Hercio M. C. Arantes; A TERRA E O SEMEADOR” ed. IDE questão 5
Franco, Divaldo P. e I. Raul Frater; DIRETRIZES DE SEGURANÇA; ed. FRATER; questão 6
Silveira, Adelino; KARDEC PROSEGUE, ed. UNIÃO, questão 7

O MUNDO MAIOR E A COMUNICAÇÃO

“A alma culpada pode, pela súplica, pelos desejos reiterados, reorganizar o seu mundo interior, equilibrá-lo para a obtenção de maior força aos novos propósitos de regeneração e aperfeiçoamento, captando, assim, no Amor Onipotente, os elementos do seu triunfo na luta”.

Emmanuel

“O mundo é uma associação de poderes espirituais”.

Emmanuel

Quem foi Jesus?

José Benevides Cavalcante

Nesta parte do mundo, particularmente no Brasil — que tem profundas raízes católicas, desde o seu descobrimento — quando as pessoas ouvem falar de Jesus, logo imaginam aquela figura sofrida e machucada de um homem pregado na cruz, sob os apupos e o sarcasmo dos soldados romanos, como um deus encarnado, que derramou seu sangue para salvar a Humanidade de seus pecados. Valorizam mais os fatos da vida de Jesus do que propriamente o significado espiritual de sua doutrina.

Mas essa concepção de um homem-deus é apenas e tão somente um dogma religioso difundido por Atanásio¹, uma das três principais lideranças cristãs dos primeiros séculos desta era, responsável pela crença de que Jesus e Deus eram uma só pessoa. A visão simplista de um Universo reduzido ao planeta Terra, própria dos povos antigos (como os egípcios, os persas, os hebreus etc) que estavam longe de imaginar as dimensões atualmente conhecidas do Universo, levava diversos povos a acreditar que Deus (ou os deuses, que habitavam o céu) encarnavam neste mundo para solucionar problemas que o homem não era capaz de resolver. Desse modo, embora houvesse outras maneiras de encarar Jesus, prevaleceu na teologia católica o mistério da Santíssima Trindade.

Para o Espiritismo, no entanto, que busca na História, nos Evangelhos e nas informações dos Espíritos as bases de suas concepções, Jesus foi um homem evoluído, que deflagrou a mais elevada e a mais importante revolução moral já conhecida neste Planeta. A sua condição de humano era a de todos nós, mas o seu Espírito era dotado de uma elevação muito acima da Humanidade, haja vista a magnitude dos seus ensinamentos. Foi, na verdade, o maior missionário que a Terra já recebeu e tudo indica que a ele foi conferido um papel especial no direcionamento dos destinos da Humanidade². Judeu, nascido e criado no seio de uma milenar tradição religiosa, onde aprendera os preceitos sagrados daquele povo, Jesus devia ter sido dotado de uma inteligência invulgar, de um senso moral de excepcional qualidade e de uma capacidade de observação e análise incomum. Surpreendeu os judeus, especialmente os fariseus, com sua nova visão e interpretação das escrituras, da vida e da religião. Não conseguia separar uma coisa de outra. Por isso, ensinava que os verdadeiros adoradores não eram aqueles que

viviam orando e cantando louvores a Deus, mas os que faziam “a vontade do Pai”; e a vontade do Pai (assim chamava a Deus), era que todos os homens se amassem, praticando o Bem, agindo como verdadeiros irmãos para alcançarem a felicidade. Jesus pouco se importava com a religião ou com a forma de adoração. Estava preocupado tão somente com a conduta humana. Muitos historiadores, por isso mesmo, não o consideram propriamente um religioso na acepção genérica do termo, mas um moralista, preferindo atribuir a Paulo de Tarso (São Paulo) o caráter de um líder religioso e não a Jesus. Pois foi Paulo que praticamente institucionalizou a sua doutrina e a difundiu para diversas partes do mundo, onde ela adquiriu a feição inteiramente religiosa.

A religião, em todos os povos e em todas as épocas, sempre se prendeu exclusivamente à adoração da divindade, à existência do sacerdote, do altar, do templo e dos cerimoniais. Jesus não teve nem adotou nada disso. Pelo contrário: sua pregação, como demonstram os Evangelhos, foi simples para um povo igualmente simples. Não se

preocupou com grandezas, com pompas, nem tampouco parece ter acolhido o alarido dos cânticos e louvações, que considerava uma ostentação e uma forma hipócrita de os adoradores aparecerem diante do povo. Para sentir-se com Deus, Jesus preferia recolher-se silenciosamente em companhia dos discípulos a um lugar tranqüilo, onde podiam orar.

A prece é o primeiro ponto de contato com a divindade. Por ela todos podem estar com Deus, onde e quando quiserem. Jesus assim o fêz e ensinou. Quando os judeus — afeiçoados aos rituais complicados do templo — lhe perguntaram como orar, além de proferir a prece dominical do Pai Nosso, ele aconselhou a oração individual, pessoal, intransferível, em que a criatura se recolhe na sua intimidade, “fala” em segredo com Deus e guarda o significado desse ato em seu coração. Recomendou aos seus compatriotas religiosos que, antes de fazerem sua oferta ao pé do altar (os judeus ofereciam animais para sacrifício), fossem primeiro se reconciliar com seus adversários. Para limparem seus corações de toda impureza, de todo sentimento de hostilidade e só depois, com o coração puro, fizessem sua oferta. Assim, valorizou mais a compreensão e o perdão do que propriamente a oração, mais a ação do que as palavras, mais o sentimento que a forma.

Os fariseus eram os mais fervorosos adoradores do templo. No entanto, Jesus os combateu veementemente, porque via no seu comportamento mais falsidade que religiosidade, fazendo mais mal do que bem ao povo. E para demonstrar que preferia a ação à adoração, que preferia o bom comportamento à religião, elevou o samaritano, considerado herege, que socorreu o estranho ferido, rebaixando o sacerdote (saduceu) e o levita, responsáveis diretos pelos atos sagrados do templo³. Ao falar para

a mulher samaritana que Deus seria adorado em Espírito e Verdade, praticamente, radicalizou a questão, demonstrando que para o homem se ligar com Deus não há lugar, nem hora, nem religião, nem qualquer outra condição, a não ser o coração puro e o sentimento no Bem. Jesus só se preocupou com o Bem, acreditou na regeneração do homem e deixou-lhe uma mensagem vazada em ideais nobres e elevados de fraternidade humana, embora todas as distorções que se lhe impuseram posteriormente, descaracterizando seus verdadeiros ensinamentos. O Espiritismo veio justamente para retomar Jesus na sua pureza e simplicidade, não se preocupando senão com a sua Doutrina Moral, que foi trazida à Terra para a regeneração do homem e a inauguração de uma nova fase na história da Humanidade. As religiões cristãs só se preocuparam com os chamados milagres, com os fatos maravilhosos que o envolveram, repetindo o que as crenças antigas já vinham fazendo desde as épocas mais remotas. Preferiram um Jesus salvador, que viesse resolver todos os problemas humanos, que viesse sofrer pelo homem e salvá-lo do sofrimento, como se fosse possível, na Lei de Deus, alguém sofrer no lugar de outro e responder por erros que não cometeu. Desfiguraram a doutrina de Jesus, apresentando-a de uma forma mítica, simplista, em nada diferente das crenças primitivas que se assentavam sobre elementos mágicos. Allan Kardec fala dos milagres de Jesus em “A GÊNESE”, a última de suas obras (1868), e ali, com muita propriedade e em poucas palavras, ele escreve tudo quanto devemos saber a respeito desse Espírito que encarnou na Terra para orientar a Humanidade no caminho do amor. “*O maior dos milagres de Jesus, aquele que atesta verdadeiramente a sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos operaram no mundo, apesar da exigüidade de seus*

meios de ação. Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, num pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, apenas prega durante três anos. Durante este curto espaço de tempo, é desatendido e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor; é obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que cai às mãos de seus inimigos. Apenas fazia o Bem, e isso não o coloca ao abrigo da malquerença, a qual voltava contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, pois a História de seu tempo se cala a seu respeito⁴. Nada escreveu e, entretanto, auxiliado por alguns homens obscuros como ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso e tornou-se a bandeira da Civilização. Tinha contra si tudo o que pode fazer malograr os homens, e é por isso que dizemos que o triunfo de sua doutrina é o maior de seus milagres, ao mesmo tempo que prova a sua missão divina. Se, em lugar de oferecer princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele não tivesse a oferecer à posteridade senão alguns fatos maravilhosos, hoje mal seria conhecido pelo nome.”⁵

Notas

¹ “As principais teorias ou convicções que o historiador observa são as dos Arianos, dos Sabelianos e dos Trinitários. Os arianos seguiam Anó, que ensinava ser Cristo menos que Deus; os Sabelianos ensinavam que ele era um aspecto ou modo de ser de Deus — Deus era Criador, Salvador e Consolador, do mesmo modo que um pode ser pai, tutor e hospedeiro; os trinitários, de que Atanásio era grande líder, ensinavam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram três Pessoas distintas, mas um só Deus”. (HISTÓRIA UNIVERSAL, H.G. WELLS, 50 volume, 8 edição, CEN, p. 211)

² “Jesus ficou sendo para a Humanidade um princípio inesgotável de renovações morais”. (VIDA DE JESUS, Ernesto Renan, Leão & Irmãos Editores, Porto, Portugal, p.409.)

³ Para explicar aos seus ouvintes quem era o próximo, a quem devemos amar, Jesus contou a Parábola do Bom Samaritano. Um homem fora assaltado por malfeitores que o deixaram ferido e prostrado na estrada. Por ali passou um sacerdote, que não tomou conhecimento do estranho caído; passou, depois, um levita, que igualmente se mostrou indiferente à vítima. Mas um samaritano (considerado herege, porque não adorava Deus no Templo de Jerusalém) compadeceu-se do estranho, socorreu-o e prestou-lhe toda assistência. Foi o único que reconheceu naquele homem um irmão e o único que agiu com amor, fazendo a vontade do Pai. Através da parábola, Jesus sintetiza a idéia de fraternidade e solidariedade humana.

⁴ O historiador judeu Josefo é o único que dele fala, dizendo aliás, pouca coisa.

⁵ A GÊNESE, OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec, 1ª edição, Editora LAKE, S. Paulo, 1966, cap. XV, item 63.

FONTE

Cavalcante, José Cavalcante, FUNDAMENTOS DA DOCTRINA ESPÍRITA, ed. EME

AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (11) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00hs

Fax: (11) 5084-9058

E-Mail: luizarmandoferreira@bol.com.br

ENQUANTO VIVEM NA ESCURIDÃO

(2ª Parte)

Rubens Santini Oliveira

Derivada das experiências relatadas por Allan Kardec na segunda parte do livro “O CÉU E O INFERNO”, as reuniões de esclarecimento a Espíritos desencarnados constituem-se em laboratório impressionante de observação da realidade do Mundo Espiritual. Provavelmente, marquem um novo caminho nesta Nova ERA, no qual a aproximação dos diferentes Planos existenciais não reverta apenas em benefícios aos encarnados através de mensagens de fundo moral. Continuemos a nos aprofundar no assunto desta pesquisa.

VI - DEIXEM A ENTIDADE ESPIRITUAL FALAR

“É preciso deixá-los falar, pois, do contrário, não poderemos ajudá-los. É necessário conhecer a sua história, suas motivações e sua razões. (...) Não esperemos, jamais, uma expressão inicial sensata e equilibrada, amorosa e tranqüila, da parte daqueles que se acham desarmonizados. Se assim fosse, não precisariam de nós: já teriam encontrado seus próprios caminhos. Esperemos, isto sim, uma eloqüente manifestação de revolta, rancor, desespero, aflição, desencanto, ou perplexidade, segundo a natureza dos problemas que os abrasam. (...) O longo trato com eles, nos ensina que têm o hábito de “pensar alto”. Isto se deve a um mecanismo psicológico irresistível, do qual muitas vezes eles nem tomam conhecimento, e no qual, mesmo os mais hábeis e arditos deixam-se envolver. É que o médium lhes capta o pensamento, e não a palavra falada. Se o médium se limitasse a transmitir-lhes a palavra, mesmo assim, eles acabariam por revelar as suas verdadeiras posições, embora pudessem sonegar a verdade por maior espaço de tempo, mas é do próprio dispositivo mediúnicos converter em palavras e gestos, aquilo que o Espírito elabora na sua mente. Eles não conseguirão por muito tempo, ocultar as verdadeiras causas da sua dor e a razão da sua presença, pois é isso, precisamente, que os traz a nós. (...) Insistimos, pois em afirmar que o médium traduz em palavras o que ele sente no Espírito manifestante: suas

emoções, seu temperamento, seus problemas, suas desarmonias, ao mesmo tempo em que lhe reproduz os gestos, e a voz alteia-se ou sussurra, reflete ódio ou desprezo, ironia ou amargor, perplexidade ou aflição. Se assim não fosse, teríamos que falar com cada Espírito na sua própria língua, ou seja, na língua que ele falou por último, na sua mais recente encarnação, e todo médium precisaria ser xenoglóssico.”

“O diálogo com os nossos irmãos desarvorados é um exercício de tolerância e paciência. E acrescentamos: muito amor.”

“(…) Pouco a pouco, o diálogo vai se desenvolvendo, a partir de uma espécie de monólogo, pois, no principio, como vimos, é necessário deixar o Espírito falar, para que informe sobre si mesmo, o que acaba acontecendo. Muitos o fazem logo de início, dizendo prontamente a que vieram e o que pretendem. Mesmo a estes, porém, é preciso deixar falar, a fim de nos aproximarmos do âmago de seus problemas. Outros são bem mais artificiosos. Usam da ironia, fogem às perguntas, respondendo-nos com outras perguntas ou com sutis evasivas, que nada dizem. (...).

Deixemo-lo falar, mas não tudo quanto queira, senão ficará andando em círculo, à volta de sua idéia central. Neste caso, continuará a repetir incessantemente a mesma cantilena trágica: a vingança, o ódio, a impossibilidade do perdão, o desejo de fazer a vítima arrastar-se no chão, como um louco varrido, e coisas semelhantes. O doutrinador precisa ter

bastante habilidade para mudar o rumo de seu pensamento. Terá que fazê-lo, não obstante, com muita sutileza, arriscando, aqui e ali, uma pergunta mais pessoal, falando-lhe de uma passagem evangélica que se aplique particularmente ao seu caso. (...) No entanto, é preciso ajudá-lo a quebrar o terrível círculo vicioso em que se debate. Veja bem: ajudá-lo a quebrar, não quebrar, arrancá-lo à força. Ele tem que sair com seu próprio esforço. Por outro lado, a fixação é, às vezes, tão pronunciada e tão absorvente, que o Espírito não tem condições sequer de ouvir o doutrinador, ou pelo menos, não reage de maneira inteligível ao que este lhe diz. Isto não significa que o doutrinador deve calar-se; continue a falar-lhe, que as palavras irão insensivelmente se depositando nele, e mesmo que ele pareça não ouvir – e isso ocorre mesmo em certos casos – seu próprio Espírito sente as vibrações fraternas que sustentam as palavras. Se é que o doutrinador realmente sente o que fala, ou melhor ainda, fala o que de fato sente.

Aguarde-se, pois, o momento de ajudá-lo a sair um pouco de si mesmo. Tem que haver na sua memória outras lembranças, outros sentimentos e até mesmo outras angústias, além daquela que constitui o núcleo da sua problemática. Coloque, de vez em quando, uma pergunta diferente, procurando atraí-lo para outras áreas da sua memória. Como por exemplo: teve filhos? Que fazia para viver? Crê em Deus? Onde viveu? Quando aconteceu o drama? Tem notícias de amigos e parentes daquela época?

É claro, porém, que essas perguntas não devem ser desfechadas numa espécie de bombardeio ou de interrogatório. Ninguém gosta de submeter-se a devassas íntimas. Com frequência, os manifestantes reagem perguntando se estão sendo forçados a processos inquisitoriais. Ou, simplesmente, se recusam a responder. Ou dão respostas

evasivas. Ou ... respondem.”

VII - INDUÇÃO HIPNÓTICA

Nos trabalhos de desobsessão, é comum a presença de Irmãos Espirituais que trazem os sintomas de doenças que foram do seu corpo físico, ou das dores de um acidente que originou o seu desencarne, ou algo parecido. Não adianta o doutrinador querer colocar postulados do Espiritismo, falar mil palavras bonitas dos ensinamentos de Jesus, que não é isto o que esses Irmãos estão necessitando neste momento. Eles, literalmente, precisam de um “médico”.

Muitas vezes, dependendo do estado em que se encontram, eles não conseguem visualizar os Mentores Espirituais, nem escutá-los, por mais que estes reduzam o seu teor vibratório. Daí, a necessidade dos trabalhos mediúnicos, com nós encarnados!

O doutrinador tem que fazer o papel do médico à Entidade doente. Nada de explicações doutrinárias. O doente deseja um remédio que alivie as suas dores. Devemos usar a indução hipnótica, ou seja, o poder da sugestão. Muitas vezes, quando estamos induzindo a Entidade a tomar, por exemplo, um analgésico para eliminar a sua dor de cabeça, com certeza o Plano Maior estará fazendo algo parecido!

Vamos citar alguns exemplos práticos, para esclarecer o que estamos tentando descrever:

CASO 1: A Entidade chegou com muita sede e fortes dores na região do tórax. Tossia muito e reclamava de falta de ar. O doutrinador forneceu-lhe, através da indução hipnótica, um copo de água e fez um gesto de levar este copo até a sua boca, para que pudesse matar a sua sede. No tratamento para a falta de ar, novamente utilizando o poder da sugestão, o doutrinador falou que os médicos que estavam colocando uma máscara de oxigênio e pediu para que respirasse pausadamente, e sentisse o aroma de eucalipto entrar pelas narinas, levando o ar até os pulmões.

- “Agora, os médicos estão passando uma pomada verde, de ervas medicinais, para aliviar estas dores do tórax. Sinta que os pulmões estão aquecidos, e a corrente sangüínea flui normalmente nesta região. Estamos vendo os enfermeiros colocarem uma sonda no seu braço esquerdo, onde um líquido amarelo irá percorrer pelo seu corpo, aliviando todas as dores, eliminando as infecções. Você irá sentir o seu corpo relaxado, e uma leve sonolência irá tomando conta de você. Procure relaxar, porque neste exato momento você estará sendo encaminhado para uma ambulância e dentro em breve estará no hospital. Durma um pouco. E que Jesus o proteja e alivie as suas dores. Vá em Paz!”

Como vocês podem ver, o desencarnado precisa sentir que está recebendo o socorro. Temos que dar-lhe a tranqüilidade de que os médicos estão ali ao seu lado dando-lhe o medicamento para as suas dores.

CASO 2: Muitas vezes, recebemos a visita de Irmãos que foram resgatados das regiões mais baixas do Umbral. Alguns deles chegam com membros, ora atrofiados, ou que foram “decapitados”, devido ao processo de escravidão ao qual foram submetidas neste período umbralístico. E vem até nós para que possamos recuperar e reconstituir este membro que ficou inválido. Neste exemplo, uma Entidade chegou até nós, reclamando que as suas mãos estavam atrofiadas, por ele ter ficado muito tempo acorrentado. O doutrinador pediu que estendesse o seu braço. E usando a indução hipnótica, continuou:

- “Neste momento, está na sua frente, um médico cirurgião que irá reconstituir a sua mão. Ele está aplicando uma injeção nos seus braços, para que a corrente sangüínea possa fluir até as extremidades. Vá sentindo que um calor nos braços. Ele está reconstituindo dedo a dedo. Primeiro o polegar, agora o

indicador, o dedo médio, o anular e o minguinho. Preste atenção, a sua mão direita está inteira! Agora, vamos reconstruir a sua mão esquerda. Olhe, todos os dedos vão surgindo, a mão está pronta. Tente mexer bem devagar, feche e abra lentamente as duas mãos. Viu como tudo é possível com a ajuda dos mensageiros de Jesus. E é a Ele que devemos agradecer, ao nosso Mestre Maior! Você ainda se lembra de como se reza? Então vamos fazer uma prece para agradecer a Jesus e ao Nosso Pai Celestial por esta benção recebida...”

VIII - VOCÊ JÁ MORREU!

Na doutrinação, raramente devemos conscientizar a Entidade sofredora sobre o seu atual estado no Plano Espiritual. Muitas vezes, os Mentores levam muito tempo, fazendo antes um trabalho preparatório, para falar sobre o seu desencarne.

Preparamos, sobre este tema, dois textos: “Morte”, do livro **“DOCTRINAÇÃO”** (Roque Jacintho) e selecionamos uma, de inúmeras perguntas/reposas do livro **“DIRETRIZES DE SEGURANÇA”** (Divaldo Franco e Raul Teixeira). E após estes textos, para ilustrar esse tópico, separamos 2 exemplos de doutrinação: uma esclarecendo com sucesso sobre o desencarne e um outro caso, onde o doutrinador foi infeliz e inoportuno ao abordar este assunto ao nosso Irmão desencarnado.

“Morte”

“Organizando o socorro a Espíritos que desconhecem o seu estado no plano a que foram arremessados pelo fenômeno da morte, por vezes o doutrinador considera que acordá-lo de súbito para a realidade seja um benefício inestimável. Costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. Doutra feita, convidam-nos a regredir ao túmulo e examinar seu corpo em putrefação orgânica. Utilizam-se de vários métodos de regressão de memória, exumando-lhes os cadáveres

para expô-los aos seus olhos atônicos. O resultado destas atitudes bem intencionadas é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a sua própria morte! Falar da morte, a quem a ignora, não é procedimento normal no trato com os infelizes. (...) À vista, pois, de nosso socorro mediúnico ser fraterno, evitemos ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já morreram. Ofereçamo-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, a pouco e pouco, eles mesmos irão descobrindo o fenômeno pelo qual passaram. (...) Evitemos provocar choques. (...)”

Uma palavra de Divaldo Franco sobre o anúncio da desencarnação ao comunicante
No atendimento a Espíritos sofredores, o doutrinador deve, antes de mais nada, fazer o comunicante conhecer a sua condição espiritual?

Divaldo Franco: “*Há que perguntar-se, quem de nós está em condições de receber uma notícia, a mais importante da vida, como é a da morte, com a serenidade que seria de se esperar? Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência em realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém em perturbação Você já morreu! É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente. Dizer a alguém que deixou a família na Terra e foi colhido numa circunstância trágica, que aquilo é a morte, necessita de habilidade e carinho, preparando o ouvinte, a fim de evitar-lhe choques, ulcerações da alma. Considerando-se que a terapêutica moderna, principalmente no capítulo das psicoterapias, objetiva sempre libertar o homem de quaisquer traumas e não lhe criar novos, por que, na*

Vida Espiritual se deverá usar uma metodologia diferente? A nossa tarefa não é a de dizer verdades, mas, a de consolar, porque, dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou, os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar da sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte, mas, somente quando o Espírito possa receber a notícia com a necessária serenidade, a fim de que disso retire o proveito indispensável a sua paz. Do contrário, será perturbá-lo, prejudicá-lo gravemente, criando embaraços para os Mentores Espirituais”.

Casos Práticos de Doutrinação sobre a temática da morte à Entidade comunicante
CASO 1 – Como já é costume nas reuniões de desobsessão, os Mentores Espirituais sempre trazem um grupo de Entidades que desencarnaram de maneira semelhante: suicidas, ou que foram assassinados, ou que foram viciados em drogas ou em álcool, ou que desencarnaram em acidentes, Naquela noite, vieram aos nossos trabalhos, um grupo de adolescentes que tiveram como a causa do desencarne acidentes de carro ou moto. Só que, como veremos a seguir, nenhum deles tinha consciência que havia desencarnado. No início, os médiuns estavam envolvidos por diversos deles, mas ninguém se manifestava verbalmente. Estavam encabulados por estarem num ambiente que era estranho à eles. Diversas vezes os doutrinadores tentavam iniciar o diálogo. Até que depois de um certo tempo, um deles resolveu se manifestar, como se fosse o portavoz do grupo. Contou o que aconteceu com os seus amigos e estavam lamentando a demora ao atendimento. Narrou que a maior parte deles sentia forte dores na cabeça, no tórax e na região das pernas, possivelmente

devido às fraturas causadas pelo acidente. A doutrinação ia muito bem, tendo iniciado o atendimento aos demais jovens, até que um doutrinador falou uma frase muito infeliz, colocando em risco todo o trabalho até ali desenvolvido: *“Meus amigos, não se preocupem com as dores que vocês estão sentindo, pois elas desaparecem algum tempo depois da morte!”* Como eles não tinham noção do estado atual de desencarne, foi um pânico generalizado, causando total desequilíbrio não só nas Entidades Espirituais, como nos médiuns que estavam envolvidos, interrompendo bruscamente o trabalho naquela noite. Fico imaginando o trabalho que os Mentores tiveram para posteriormente acalmar aqueles jovens!

CASO 2 – Nesta doutrinação, o doutrinador tinha mais experiência e muito tato para lidar com os nossos Irmãos desencarnados. Ele de vez em quando, no meio da doutrinação “jogava algumas iscas”, para sentir se a Entidade estava pronta ou não para saber sobre o seu estágio atual. Quem estava dando oportunidade à manifestação era um médium do sexo feminino. E no desenrolar do bate-papo, o doutrinador sentiu que quem se manifestava era do sexo masculino. A partir

dessa premissa, transcorreu o seguinte diálogo:

Doutrinador (D): Será que daria para você colocar as suas mãos na ponta da sua orelha? O que sente?

Entidade (E): Nossa! Brinco? Eu não uso brinco!

(D): Coloque agora as suas mãos na região do tórax...

(E): Seios? Mas eu sou homem, não tenho seios. O que está acontecendo?

(D): Então deu para sentir que este corpo não é o seu, certo?

(E): Mas, como eu posso falar através de um outro corpo?

(D): Pense um pouco. Reflita sobre esta situação!

(E): Você está insinuando que eu morri?

(D): Isto é para lhe mostrar que a morte não existe. Você não está falando através de uma outra pessoa?

(E): Mas, como isto é possível? Nossa que loucura? Bem que estava desconfiado...

E o esclarecimento prosseguiu satisfatoriamente, onde logo após a Entidade foi encaminhada aos Mentores e seguiu para continuidade dos trabalhos no Plano Espiritual.

A ESPIRITUALIDADE SUPERIOR E A CIÊNCIA ESPÍRITA

“Jesus nunca se afirmou como sendo a ciência, mas sim como Verdade Salvadora do mundo”.

“Entre a ciência humana e a sabedoria espiritual sempre existiu considerável distância. A primeira é filha do labor inquieto e transitório do homem. A segunda é filha das grandes e abençoadas revelações das almas. Nas primeiras sobram as dúvidas amargas e as hipóteses falíveis. Na segunda sobram as grandes e eternas esperanças do coração no iluminado ideal da vida superior”

Emmanuel

JESUS E SUAS PARÁBOLAS

Jesus, como sábio educador, costumava recorrer frequentemente às parábolas a fim de melhor interessar e impressionar os seus ouvintes.

Esse processo é eminentemente prático e pedagógico, pois supre as deficiências intelectuais do educando, sempre que se trata de assuntos transcendentais.

Demais, na época em que o Mestre Divino predicava, e mesmo muito tempo depois de sua partida, os ensinamentos eram conservados e revividos por meio de tradição.

Ora, é muito mais fácil reter na mente a lição ministrada através de um conto qualquer, onde há o enredo que auxilia as associações de idéias, do que quando ensinada de modo inteiramente abstrato.

As parábolas evangélicas, além disso, têm, com relação às transcendentais verdades que encerram, propriedade e as vantagens dos tegumentos que envolvem os frutos. Essas camadas corticais servem para conservar doce e saborosa a polpa dos frutos, preservando-os das contingências exteriores a que se acham expostos. Se a Natureza não tivesse protegido dessa forma os frutos, o homem jamais chegaria a utilizar-se deles. Assim também, se o sapientíssimo Instrutor e Guia da Humanidade não tivesse envolvido seus sublimes preceitos no manto parabólico, eles não teriam chegado até nós. Para saborearmos os frutos, despojamo-los de seus respectivos envoltórios. Da mesma sorte, para lobrigarmos o espírito das parábolas, temos que despojá-lo da letra que a envolve. É possível que os comodistas

condenam o processo parabólico, alegando que dá lugar a confusões ou que dificulta a aprendizagem da Verdade.

A estes cumpre lembrar que nenhum fruto existe sem casca. E jamais se viu alguém pretender que o trabalho em descascá-lo não compense o proveito que dele tiramos, já como alimento, já como portador de vitaminas essenciais à saúde e à vida do corpo. Todos concordam perfeitamente com o pequeno esforço despendido em desembaraçar os frutos dos seus tegumentos. Outros há, extravagantes, que comem qualquer fruta com casca, e querem convencer os outros de que é assim que se deve comê-la. Estes são os sectaristas, que desprezam o espírito que vivifica e pregam a letra que mata. Ainda não experimentaram o legítimo paladar das parábolas do Senhor, cheias de doçura e aroma, visto como insistem em comer qualquer fruta com casca!

FONTE

Camargo, Pedro (Vinicius), EM TORNO DO MESTRE, ed.FEB

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

PALAVRA DE DEUS

Por que os espíritas não consideram a Bíblia como palavra de Deus? (leitor pede para não ser identificado)

As religiões bíblicas, como o próprio nome está dizendo, têm na Bíblia a autoridade maior, a última palavra, ou seja, a palavra de Deus; elas se conduzem, portanto, apenas pela fé. É por isso que, para elas, a Bíblia é um objeto sagrado, perfeito, santificado: daí o nome de Bíblia Sagrada que costumam utilizar. Entretanto, o Espiritismo tem por princípio que somente a fé simples e pura, por ser ingênua, não é suficiente para se encontrar a verdade, nem na Bíblia nem em qualquer outro livro, "sagrado" ou não: é necessária a razão. Aliás, a razão é que ilumina o caminho da fé, porque, como ponderou Kardec, *"para se crer, é necessário compreender"* e *"fé verdadeira é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade"*. Desse modo, antes de aceitar qualquer verdade, venha de onde vier (mesmo que seja das obras do próprio Allan Kardec), o método espírita recomenda um estudo mais seguro, mais cuidadoso, um exame mais apurado dessa verdade, para se verificar até que ponto ela atende aos imperativos da lógica, da razão, para, em seguida, poder ser aceita ou não. Por isso, a leitura da Bíblia, feita por um evangélico, por exemplo, é muito diferente da leitura da Bíblia feita por um espírita: o evangélico vai apenas aceitar o que está lendo

(geralmente ao pé da letra), enquanto que o espírita vai procurar analisar e julgar a validade do texto. Quanto a ser palavra de Deus, também é uma questão de julgamento. Assim, para o Espiritismo "palavra de Deus" é tudo aquilo que corresponde ao Bem e à Verdade, ou seja, às leis naturais ou leis divinas. Os ensinamentos morais de Jesus, que estão no Novo Testamento da Bíblia, são vistos pelos espíritas como "palavra de Deus"; mas os espíritas não podem considerar "palavra de Deus" as chacinas que Deus mandava executar ao tempo de Moisés (principalmente nos 5 primeiros livros do Velho Testamento), e outras atrocidades hediondas que se perpetrava em nome de lavé e que estão muito bem claras na Bíblia. "Palavra de Deus" é o "amai-vos uns aos outros", é compreender, é perdoar, é socorrer o semelhante, mas jamais o ódio nem tampouco a vingança; não pode ser o conluio de Deus com seus protegidos, muitas vezes desonestos e violentos, que faziam e desfaziam à sua vontade, prejudicando pessoas, sacrificando inocentes, sempre acobertados pelo poder opressor da divindade. A "palavra de Deus", portanto, nós podemos encontrá-la na Bíblia e em qualquer outro livro, de qualquer povo, de qualquer época, de qualquer religião, mas somente quando ela se caracteriza, na sua essência, pelos princípios universais de amor ao Bem e à Verdade, razão pela qual ela não é privilégio de ninguém e encontra-se necessariamente

por toda parte.

SIMPLES E IGNORANTE

Se Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, o que os levou a seguir o caminho do mal? Eles não poderiam ter escolhido o caminho do Bem? Gostaria de uma explicação. (AMARILDO FREITAS CURSINO – Assis -SP)

A questão parece simples, mas não é. Tudo que se refere a Deus e às origens da vida e do Universo ainda está muito longe da nossa compreensão, por falta de parâmetros mais seguros que nos sirvam de referencial. Mas, isso não quer dizer que não devamos buscar uma resposta para nossas indagações. Quando a doutrina fala que os Espíritos foram criados simples e ignorantes, ela quer dizer que, na sua criação, o “ser inteligente” era apenas potencialidade, ou seja, “promessa para o futuro”, todas as suas capacidades ainda estavam latentes, estavam por se manifestar e por se desenvolver, assim como numa simples semente todas as capacidades da planta ainda dormitam. A simplicidade, de que o Espiritismo fala, refere-se ao seu potencial de moralidade; no princípio, o Ser era amoral, ele não demonstrava nenhuma tendência, nem para o que chamamos de Bem, nem para o que reputamos como mal. A ignorância diz respeito ao seu potencial intelectual, ou seja, à sua capacidade de conhecer, de saber, de raciocinar. Assim como a semente que, colocada em condições favoráveis, busca realizar-se na germinação, transformando sua potência em ato, o Espírito, através de suas primeiras manifestações na matéria, busca a sua sobrevivência, luta por ela, iniciando, assim, num longo processo na inconsciência, sua jornada evolutiva. Os animais, que hoje conhecemos na Terra, são o resultado de uma evolução ainda no campo da experiência amoral, pois eles não desenvolveram a

capacidade de fazer julgamento de valor sobre certo e errado, sobre bem e mal, por exemplo. Os animais são, por conseguinte, seres simples e ignorantes. Logo, o despertar da consciência moral vai se verificar quando o Espírito assume a sua condição de Ser humano, na Terra, momento em que já é capaz de pensar e fazer juízo de valores. É nesse momento, que ele sai da simplicidade e da completa ignorância, e quando experimenta a sensação de poder decidir sobre seus atos e julgá-los. Potencialmente o Espírito é bom, ou seja, ele foi criado para a sua plena realização como criatura perfeita, mas, para tanto, deve desenvolver-se por si mesmo, empregando suas capacidades intrínsecas de intelectualidade e moralidade. Essa condição é que lhe dá a possibilidade de construir o seu próprio caminho, nascendo, então, o seu livre-arbítrio. Cada qual, nesse objetivo, vai buscar a sua realização pelas metas que julga (capacidade de decidir) as mais convenientes, nascendo assim a experiência do Espírito, que pode levá-lo a praticar toda sorte de ações, tanto as que venham a retê-lo ou dificultar o seu desenvolvimento, quanto às que lhe permitirão caminhar mais depressa para sua plena realização. Dessa forma, a busca da felicidade é a meta de todos os Espíritos; mas os caminhos são próprios de cada um, como os rios que abrem seus leitos, contornam as montanhas, enfrentam os obstáculos, à procura do mar. Se o caminho de cada um estivesse determinado e lhe fosse imposto para sua simples obediência, ele não conheceria realização pessoal (felicidade) – portanto, nem culpa, nem mérito, nem livre-arbítrio, porque não foi ele que escolheu e decidiu por si mesmo – e, em consequência, não haveria também vida moral. Não há moralidade sem liberdade de escolha. Não há felicidade sem espírito de conquista.

EDUCAÇÃO - O APRENDIZADO DA VIDA

Hermínio C. Miranda

Para definições compactas e abrangentes nada melhor do que recorrer a um bom dicionário, O que se deve entender por EDUCAÇÃO, por exemplo? Responde o Aurélio: — **Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do Ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social.** O espírita razoavelmente bem informado não hesitaria em subs crever o conceito formulado pelo eminente dicionarista. Isto porque encontramos ali algumas das idéias básicas sobre as quais se apóia a estrutura do pensamento doutrinário.

A primeira delas, pela ordem, é a de desenvolvimento, pois o Espiritismo é doutrina essencialmente evolucionista, sempre a entre ver espaços abertos à frente e acima, pelos quais a criatura humana deve prosseguir a sua jornada rumo à perfeição. Em segundo lugar, encontramos ali a implícita noção do potencial humano (capacidade) dentro do dualismo corpo/espírito. Em outras palavras somos espíritos, mas estamos temporariamente ligados a um corpo físico. A correta metodologia educacional, portanto, será de cuidar do componente espiritual sem, contudo, deixar de proporcionar ao corpo físico as condições adequadas, pois é este o instrumento de trabalho com o qual o Espírito atua no ambiente material da Terra. Por mais bem dotado que seja do ponto de vista intelectual, o espírito não poderá jamais revelar todo o seu potencial se estiver preso pela reencarnação a um corpo físico com graves deficiências cerebrais, por exemplo. Como poderá um virtuose do violino ou do piano tocar tudo o que sabe e pode num instrumento desafinado, de cordas arrebetadas, de sonoridade defeituosa? De que maneira o escultor poderia modelar uma obra-prima na madeira ou no mármore se não dispõe de instrumentos apropriados e em boas condições operacionais? Há, portanto, uma dicotomia no Ser humano, ou seja, dois aspectos distintos que exigem tratamento diferenciado, mas integrado, visando a uma finalidade única: a otimização de suas condições evolutivas. É tanto necessário cuidar do corpo físico quanto do componente espiritual do Ser encarnado para que os dois aspectos de uma só realidade possam funcionar harmoniosamente numa integração proveitosa a ambos. O Ser humano precisa do corpo para realizar no

mundo material as tarefas necessárias ao seu desenvolvimento, ao seu progresso, ao resgate de suas faltas, ao reajuste, enfim, de seu Espírito. Podemos ainda observar que na conceituação do processo educacional o dicionarista caracteriza com propriedade dois aspectos fundamentais: o intelectual e o moral. Também neste ponto o Espiritismo tem algo a dizer. E não apenas concordar com a colocação, mas enfatizá-la, dado que se trata de aspecto de considerável relevo no ideário espírita. Entende a Doutrina que conhecimento e moral devem caminhar de mãos dadas, lado a lado, ombro a ombro, ou, na imagem costumeira dos expositores, como duas asas de um pássaro que sonha com as alturas e deseja levantar vôo. A insistente lição da História é a de que o conhecimento sem a dosagem certa de moral tem sido desastroso, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade em que ele atua, especialmente quando aquele é dotado de poder de decisão sobre esta. Quanto mais inteligente e culto o Ser humano, maior é o seu potencial de influência sobre o meio em que vive, seja escrevendo livros, manipulando computadores, planejando estratégias políticas ou gerenciando negócios de vulto. Se a sua capacidade empreendedora estiver divorciada da moral, pode a criatura empenhar-se, com extraordinária criatividade e habilidade, no comércio de entorpecentes, apenas porque é uma atividade altamente lucrativa. Ou inventar novos meios e instrumentos de matar gente em grande quantidade e com eficácia. Que lhe importam as conseqüências morais do seu procedimento? Ou as responsabilidades que está assumindo perante as Leis Divinas, que, obviamente regulam o Universo? Em vista das suas estreitas conexões com o problema da

educação, há, ainda, a considerar o caso em razão dos dilemas que encerra. E que, em particular da pesquisa científica que tem sido objeto de agitados e inconclusivos debates, em razão dos dilemas que encerra. É que em princípio, o cientista ou pesquisador não se preocupa com a finalidade e utilização das suas descobertas. Quando Einstein concebeu a equação matemática da energia, certamente não estava cogitando de que ela seria utilizada para viabilizar o processo de produção de bombas de inconcebível poder destruidor. Em si e por si mesma, a fórmula genial não contém implicações éticas, mas o que dela se pode tirar, sim, como se viu em 1945, quando Hiroshima e Nagasaki foram quase varridas do mapa, com grande parte de seus habitantes. Já na carta que endereçou ao Presidente Franklin D. Roosevelt expondo-lhe a possibilidade de produzir artefatos nucleares, Einstein tomou uma decisão de graves implicações morais. Tanto quanto foi de extrema gravidade a decisão do Presidente Harry Truman, algum tempo depois, ao autorizar o bombardeio das duas cidades japonesas. Sabemos das razões invocadas em apoio de tais decisões, a de Einstein, ao escrever sua carta a Roosevelt, e a de Truman, ao inaugurar a era nuclear. O argumento decisivo foi o de que se recorria a um mal menor para neutralizar o maior. Julgou-se mais conveniente destruir cerca de 200 mil pessoas — sem contar milhares e milhares que ficaram mutiladas ou transmitiram deformações genéticas aos descendentes — do que deixar seguir a guerra por tempo indeterminado, com resultado incerto. A questão é, reconhecidamente, de difícil avaliação. Creio, porém, que muita gente hoje não consegue admitir a idéia de que o emprego bélico da energia nuclear tenha sido “um mal menor”. Estavam certos? Estavam errados? Não é da nossa competência julgá-los, mas convém lembrar que o problema jamais teria sido suscitado se os seres humanos se entendessem como irmãos, que somos todos, amando-se uns aos outros como recomenda o mandamento maior que o Cristo colocou como lei suprema no âmbito das relações humanas. Aspectos ainda mais delicados e

complexos têm sido suscitados pelas pesquisas no campo da genética. É lícito — perguntam muitos — interferir nos mecanismos e processos da reprodução humana? É aconselhável (e viável) criar e implementar um código de ética para a pesquisa científica em geral e, em especial, para aquelas que manipulam, em última análise, seres humanos? Duas correntes poderosas e aparentemente irreconciliáveis movimentam-se nesse campo de especulação. Diz a primeira que qualquer tipo de restrição à pesquisa, ao estudo, à educação, enfim, que é o tema deste, seria fatal ao desenvolvimento da ciência porque inibiria a capacidade criativa do Ser humano. Se de um lado ficariam, em tese, excluídas as consequências danosas à comunidade, de outro, deixariam também de ser criadas condições francamente favoráveis e desejadas pela sociedade. O argumento é ponderável. Alega a segunda corrente que, em regime de total liberdade, a pesquisa envereda com freqüência pelos subterrâneos do mal, em franco desrespeito às implicações éticas envolvidas. A lista das possibilidades é, de fato assustadora. A pesquisa desligada de compromissos éticos pode criar bactérias ou venenos mortíferos para ganhar uma guerra de conquista, bem como armas e equipamentos eletrônicos de destruição e espionagem a serem usados por estados prepotentes ou por organizações criminosas, para impor condições inaceitáveis a comunidades inteiras. Ou criar seres monstruosos destinados a finalidades espantosas. O sensitivo americano Edgar Cayce informou que antiqüíssimas civilizações terrenas desaparecidas produziam verdadeiros robôs humanos comandados por eletrodos implantados no cérebro. Se isto é verdadeiro ou não, não vem ao caso aqui; cogita-se é de que tais possibilidades e outras muitas, com as quais nem sonhamos, possam materializar-se de uma hora para outra em instrumentos ou processos diabólicos, criados por mentes totalmente despreocupadas dos aspectos morais de suas descobertas. Vemos, portanto, que a falta de uma ética adequada na estruturação do processo educacional pode acarretar consequências calamitosas para

EDUCAÇÃO

toda a comunicade humana. E com isto chegamos ao aspecto final da definição proposta pelo competente dicionarista prof. Aurélio Buarque de Hoilanda Ferreira, ou seja, o de que a educação deve levar à melhor integração do indivíduo na sociedade. Seria contraditório e moralmente inaceitável um processo educacional que treinasse e produzisse indivíduos anti-sociais. Como assinalou Deolindo Amorim, a Doutrina Espírita entende o Ser humano como entidade eminentemente social, ao destacar que ele não vive só. É nas inúmeras comunidades espalhadas pelo mundo que homens e mulheres convivem, aprendem, trabalham e buscam suas realizações pessoais. A idéia diretora de toda essa programação humana é a educação física, intelectual e moral do Ser humano, visando à sua melhor integração individual e social, como define Aurélio. A visão retrospectiva na História da Educação revela que os gregos antigos foram o povo que mais perto chegou do modelo educacional voltado para o desenvolvimento harmônico do jovem, mediante emprego de métodos que atendessem, ao mesmo tempo, os cuidados com o seu componente físico (ginástica, esportes competitivos, etc.) e com o aspecto espiritual (conhecimento e moral), tudo isso com a finalidade de torná-lo um bom cidadão, ou seja, uma personalidade adaptável às condições sociais vigentes. O sistema educacional grego não deixou de preservar algumas distorções devidas a prioridades locais ou a conceitos e preconceitos vigentes. Foi, por exemplo, uma educação elitista, isto é, voltada para as classes mais abastadas — processo que lamentavelmente ainda prevalece, se bem que atenuado. Era extremamente difícil o acesso dos meninos a comentar, o de que somente os meninos podiam freqüentar colégios; às meninas gregas ficava reservado apenas o aprendizado doméstico, com o objetivo de torná-las boas esposas, mães e donas-de-casa. Era a mentalidade predominante na época. Por outro lado, o sistema era orientado segundo as preferências e os interesses peculiares a cada cidade-estado. Em Atenas, a ênfase maior era

posta no desenvolvimento intelectual, ainda que sem desprezar a cultura física. Por isso dedicavam-se os atenienses mais à especulação filosófica, debates, ao questionamento da vida, enfim, enquanto os espartanos eram encaminhados para um modelo nitidamente militarista, no qual predominava o treinamento físico bastante rígido, em regime de caserna, destinado a produzir homens fortes, decididos e preparados para as asperezas da vida, a ponto de suportarem severas privações. A expressão hábitos espartanos ficou consagrada para descrever a existência despojada, sem luxos ou comodidades. Não quer dizer isto que não se cuidasse também do desenvolvimento intelectual e sim que se enfatizava a atividade física. O ideal, como sempre, fica no meio, na moderação, no equilíbrio, que acaba sintetizado na famosa expressão latina: **Mens sana in corpore sano**, ou seja, mente sadia em corpo sadio. Com o tempo, esse modelo sofreu inevitáveis acomodações. Em lugar das antigas matérias básicas — música, cultura literária ou artística e educação física — começou a derivação para o domínio da retórica, dado que a oratória bem cuidada e dramática abria caminho para ambições políticas. O sistema degenerou ainda mais quando até mesmo a retórica perdeu-se numa cultura meramente intelectual e pouco prática. Em Roma, a educação, sempre voltada para os meninos, foi basicamente doméstica, como que artesanal. O jovem aprendia com o pai, que procurava imitar. Reverenciava os deuses, portava-se virilmente nos exercícios e aprendia a ler e conhecer suficientemente as leis reguladoras da comunidade. Rara ou nenhuma escolaridade. Quando muito, tinha mestres particulares, geralmente escravos gregos. Da Grécia passou a vir também a literatura, que, aos poucos, foi sendo traduzida ao latim. As escolas que começaram a surgir mais tarde dedicavam-se ao ensino da gramática e da literatura, suplementadas pelas que ensinavam a indispensável retórica, que, como na Grécia, também acabou sem nenhuma finalidade prática. Foi nesse clima de decadência cultural que o Cristianismo introduziu seus primeiros impulsos renovadores. Mantinham os cristãos

escolas catequéticas, para o ensino religioso, mas não rejeitavam a cultura geral. Para Clemente de Alexandria (150-217) e Orígenes (185-253), o Cristianismo era o ápice da filosofia; mas entendiam também que somente pelos caminhos normais da cultura liberal chegaria o cristão ao verdadeiro entendimento da sua religião. Do contrário, poderia viver a sua fé obedientemente, mas sem compreender os seus mistérios. Identifica-se aqui curiosa e inesperada simetria que merece especial destaque nesta exposição. Também Deolindo Amorim sempre entendeu que o Espiritismo pode e deve conviver fecundamente com a cultura geral. Não sem razão, fundou ele e dirigiu o Instituto de Cultura Espírita e tanto batalhou pela idéia. Também entendo ser essa a posição correta. O Espiritismo apresenta-se sob três aspectos distintos e integrados: é uma filosofia de vida com apoio experimental ou científico e recomenda um mecanismo ético de comportamento. Como filosofia, tem a sua própria teoria do conhecimento e jamais recusa ou teme as contribuições científicas; ao contrário, nelas se enriquece, especialmente naquelas que provêm das ciências humanas. Isto quer dizer que a partir da Biologia, na escala classificatória de Auguste Comte, a Doutrina está interessada em tudo quanto se especular na chave das ciências sociais e além, na Psicologia, que o pensador francês recusou-se a admitir na sua classificação. Não obstante, o Espiritismo seria mais uma filosofia meramente especulativa se não estivesse informado pela ciência, além de atento aos critérios da razão. Filosofia é um processo de sínteses, enquanto a Ciência é um dispositivo de análises, só excepcionalmente dotado de visão global, de conjunto. Por outro lado, se a filosofia explora conseqüências e implicações morais, a ciência, em princípio, procura apenas produzir informação, sem cogitar da destinação a ser dada ao produto do seu trabalho. Daí por-

que o Espiritismo precisa acompanhar o que ocorre no campo da pesquisa científica em geral, mesmo porque seu princípio ordenador é o do aperfeiçoamento do Ser humano. “*Conhece-se o verdadeiro espírita*” — afirmou Kardec — “*pela sua transformação moral*”. Vemos no esboço que Deolindo mandou imprimir (...), uma declaração de princípio assim formulada:

— Tese central: **a reforma social deve partir da reforma moral do homem.**

Quanto mais e melhor entender as complexidades da psicologia humana, o mundo em que vive e os mecanismos da vida, enfim, mais bem aparelhado estará o expositor espírita para veicular sua mensagem renovadora.

— “*O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação*” — escreveu Kardec em A GÊNESE, Capítulo 1 — Caráter da Revelação Espírita.

— “*Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria*”. (Destaque no original.) Vemos, assim, que a Doutrina abre espaço para as verdades que forem emergindo das pesquisas científicas e, por isso, no âmbito da Educação tem por norma apoiar e incentivar a busca do conhecimento na sua maior amplitude e profundidade, dado que a verdade somente poderá resultar em benefício e confirmação de seus princípios diretores. Jamais se descuida, contudo, das implicações morais dessa busca. (segue).

FONTE

Amorim, Deolindo e Hermínio C. Miranda “O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS”, ed. USE

EMMANUEL E A EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO

“Nunca te arrependeras de ensinar o que seja útil, verdadeiro e gratificante”